

J. R. Ward

NA SOMBRA DA VINGANÇA

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume VII

Tradução
Ana Paula Florindo

Capítulo 1



«O Rei deve morrer.»
Quatro palavras. Separadas, não significam nada de especial. Mas juntas? São um mau agouro de todo o tipo de merda. Assassinato. Deslealdade. Traição. Morte.

No momento tenso que se seguiu logo após terem sido proferidas, Rehvenge manteve-se em silêncio deixando que o quarteto permanecesse suspenso no ar pesado do escritório, quatro pontas de uma bússola sinistra e maligna, com a qual ele estava intimamente familiarizado.

– Tem alguma resposta? – perguntou Montrag, filho de Rehm.
– Não.

Montrag pestanejou e brincou com a gravata de seda que tinha ao pescoço. Tal como a maioria dos membros da *glymera*, ele tinha chinelos de veludo firmemente apoiados na seca e rarefeita areia da sua classe, o que simplesmente significava que era francamente pedante arrogante em todos os aspetos. Com o seu *smoking* e calças de riscas impecáveis e... merda, aquelas eram, na verdade, polainas...? Parecia saído das páginas de uma *Vanity Fair* de há uns cem anos atrás. E nas suas miríades condescendentes e ideias loucas, ele era como um Kissinger sem presidente no que dizia respeito à política: só análise, nenhuma autoridade – o que explicava esta reunião, verdade?

– Não pares agora – disse Rehv –, já saltaste do edifício. A aterragem não será mais suave.

Montrag franziu o sobrolho.

– Não sou capaz de ver isto com a mesma rapidez que tu.

– Quem está a rir?

Alguém bateu à porta do escritório, o que fez com que Montrag voltasse a cabeça – ele tinha o perfil de um *setter* irlandês: só nariz.

– Entre.

A *doggen* que respondeu à ordem entrou na sala, lutando contra o peso do serviço de prata que carregava. Com uma bandeja de ébano do tamanho de um alpendre nas mãos, ela carregou o peso através da sala, até que levantou a cabeça e viu Rehv: congelou como uma fotografia instantânea.

– Tomaremos o chá aqui. – Montrag apontou para a mesa baixa entre os dois sofás de seda em que estavam sentados.

– Aqui.

A *doggen* não se moveu; ficou a olhar fixamente para o rosto de Rehv.

– O que se passa? – perguntou Montrag quando as chávenas começaram a tremer e um som tilintante se fez ouvir vindo da bandeja.

– Ponha o nosso chá aqui, agora.

A *doggen* fez uma vénia, murmurou algo, e avançou lentamente, pondo um pé à frente do outro como se estivesse a aproximar-se de uma serpente enroscada. Ficou tão afastada de Rehv quanto pôde e, depois de pousar a bandeja do chá, as suas mãos trémulas mal eram capazes de pôr as chávenas nos pires.

Quando pegou no bule, era óbvio que ia derramar aquela merda por todos os lados.

– Deixe que eu trato disso – disse Rehv, esticando a mão.

Quando a *doggen* se afastou bruscamente dele, o bule virou-se na mão dela e o chá entrou em queda livre.

Rehv apanhou a prata quente entre as palmas das mãos.

– Olha o que fizeste! – exclamou Montrag, saltando do sofá.

A *doggen* encolheu-se, levando as mãos à cara.

– Sinto muito, amo. Sinceramente...

– Oh, cala-te, e traz-nos um pouco de gelo...

– A culpa não é dela. – Rehv mudou tranquilamente o bule de mão e começou a servir. – E eu estou perfeitamente bem.

Ambos olharam para ele como se estivessem à espera que desse um salto e começasse a sacudir o traseiro ao ritmo de *ow – ow – ow*.

Pousou o bule de prata e olhou os olhos pálidos de Montrag.

– Um torrão, ou dois?

– Queres... queres alguma coisa para pôr nessa queimadura?

Ele sorriu, mostrando as presas ao seu anfitrião.

– Estou perfeitamente bem.

Montrag pareceu ofendido pelo facto de não poder fazer nada e concentrou o seu desagrado na criada.

– És uma desgraça absoluta. Vai.

Rehv olhou a *doggen*. Para ele, as emoções dela eram como uma rede tridimensional de medo, vergonha e pânico, a trama tecida enchia o espaço que a rodeava tão certo quanto os seus ossos, músculos e pele.

Fique tranquila, disse-lhe ele em pensamento. *E tenha a certeza de que corrigirei a situação.*

A surpresa relampejou no rosto dela, os ombros afrouxaram a tensão e voltou-se aparentando estar muito mais tranquila. Quando saiu da sala, Montrag pigarreou e voltou a sentar-se.

– Não acredito que ela alguma vez vá prestar. É absolutamente incompetente.

– Porque não começamos com um torrão? – Rehv deixou cair um cubo de açúcar dentro do chá. – Depois veremos se deseja outro.

Estendeu-lhe a chávena, mas não a aproximou muito de modo a que Montrag se visse forçado a levantar-se novamente do sofá e a inclinar-se sobre a mesa.

– Obrigado.

Rehv não soltou o pires enquanto não procedeu a uma mudança de pensamento na mente do seu anfitrião.

– Eu deixo as fêmeas nervosas. A culpa não foi sua.

Abriu a mão abruptamente e Montrag teve de se esforçar para segurar a porcelana *Royal Doulton*.

– Ui! Não o derrame. – Rehv voltou a reclinar-se no sofá.

– Seria uma pena manchar este tapete tão fino. *Aubusson*, não é verdade?

– Ah... Sim. – Montrag voltou a sentar-se e franziu o sobrolho, como se não tivesse ideia da razão por que tinha mudado de opinião relativamente à sua criada. – Er... Sim, é. O meu pai comprou-o há muitos anos. Tinha um gosto apurado, não acha? Construímos esta sala especialmente para este tapete, porque é muito grande, e a cor das paredes foi escolhida especificamente para fazer sobressair os matizes cor de pêssego.

Montrag passeou a vista pelo escritório e sorriu para si próprio enquanto sorvia o chá, com o dedo mindinho estendido no ar como se fosse uma bandeira.

– Como está o seu chá?

– Perfeito, mas você não toma também?

– Não bebo chá. – Rehv esperou até que a chávena estivesse nos lábios do macho. – Falava então em assassinar Wrath?

– Montrag cuspiu o *Earl Grey*, salpicou a frente do *smoking* vermelho cor de sangue e sujou o estupendo tapete do pai.

Quando o macho começou a limpar as manchas ao de leve, Rehv ofereceu-lhe um guardanapo.

– Tome, use isto.

Montrag pegou no quadrado de tecido de damasco e acariciou desastradamente o peito, fazendo-o depois deslizar pelo tapete com igual falta de resultados. Era evidente que ele era o tipo de macho que urdia as tramas, mas não as solucionava.

– Estava a dizer...? – murmurou Rehv.

Montrag atirou o guardanapo para a bandeja e ficou de pé, esquecendo o chá, a andar de um lado para o outro. Deteve-se frente a uma grande paisagem montanhosa e pareceu estar a admi-

rar a cena dramática, iluminada por focos, de um soldado colonial rezando aos céus.

Ele falou para a pintura:

– Está consciente de que muitos irmãos de sangue foram abatidos nas incursões dos minguanes.

– E eu a pensar que tinha sido escolhido *leahdyre* do Conselho devido à minha personalidade brilhante.

Montrag olhou-o com agressividade por cima do ombro, o queixo elevado de forma tipicamente aristocrática.

– Perdi o meu pai, a minha mãe e todos os meus primos em primeiro grau. Enterrei-os a cada um deles. Pensa que foi uma alegria?

– As minhas desculpas. – Rehv colocou a palma da mão direita sobre o coração e inclinou a cabeça, apesar de isso não lhe importar para nada. Não se ia deixar manipular pelo elenar de perdas. Especialmente quando todas as emoções do outro falavam de cobiça e não de dor.

Montrag virou as costas à pintura e a sua cabeça ocupou o lugar da montanha sobre a qual estava o soldado colonial, dando assim a impressão de que o pequeno homem de uniforme vermelho estava a subir-lhe pela orelha.

– Devido às incursões, a *glymera* tem suportado perdas sem igual. Não só em vidas, mas também em património. Casas saqueadas, antiguidades e obras de arte roubadas, contas de banco desaparecidas. E o que fez Wrath? Nada. Não deu resposta às frequentes perguntas relativas à forma como foram encontradas as residências dessas famílias... Porque não deteve a Irmandade os ataques... Onde foram parar todos esses bens? Não há um plano para assegurar que tal coisa nunca mais volte a acontecer. Nenhuma garantia de proteção para os poucos membros que restam da aristocracia caso regressem a Caldwell. – Montrag entusiasmou-se com o relato, a voz a elevar-se, ricocheteando contra as molduras douradas dos brasões do teto. – A nossa raça está a morrer, e precisamos de uma verdadeira liderança. Não obstante, por Lei, enquanto o coração de Wrath continuar a bater-lhe no peito, será Rei. A vida de um é mais valiosa que a vida de muitos? Escute o seu coração.

Rehv estava, de facto, a olhar para ele, esse músculo negro e maldito, que era o que isso era.

– E... depois?

– Assumimos o controlo e fazemos o correto. Durante o seu reinado, Wrath re-estruturou as coisas... Olhe o que fez às Escolhidas. Agora estão autorizadas a acasalar-se deste lado... Algo nunca visto! E a escravidão abolida, junto com a *sehclusion* das fêmeas. Virgem Escrivã querida, não tarda muito haverá um membro da Irmandade a vestir saias. Se nós estivermos na liderança, podemos inverter o que ele tem feito e reformar as leis adequadamente para preservar as tradições. Podemos organizar uma nova ofensiva contra a Sociedade dos Minguentes. Podemos triunfar.

– Está a utilizar muito a expressão «nós» e, por alguma razão, não acredito que isso represente exatamente o que tem em mente.

– Bem, é óbvio que deverá haver um indivíduo que seja o primeiro entre os seus pares. – Montrag alisou as lapelas do *smoking* e inclinou a cabeça e o corpo como se tivesse a posar para uma estátua de bronze ou talvez para uma nota de dólar. – Um macho de valor que esteja à altura do cargo.

– E como seria escolhido este modelo de virtudes?

– Tornar-nos-emos numa democracia. Uma democracia há muito desejada e que substituirá a convenção injusta e desigual da monarquia...

Enquanto a conversa se enchia de balelas, Rehv reclinou-se para trás, cruzou as pernas à altura do joelho e uniu os dedos das mãos. Sentado no acolchoado sofá de Montrag, as suas duas metades guerrearam-se, o vampiro e o *sympath* em luta.

O único benefício era que a gritaria interna abafava o som nasalado do «Eu sei tudo».

A oportunidade era óbvia: livrar-se do Rei e tomar controlo da raça.

A oportunidade era inconcebível: matar um bom macho, um bom líder e... uma espécie de amigo.

– ... e nós escolheríamos quem nos liderar. Torná-lo-íamos responsável perante o Conselho. Assegurar-nos-íamos de que as

nossas preocupações seriam atendidas. – Montrag voltou para o sofá e sentou-se confortavelmente como se fosse continuar com aquela conversa exagerada e vazia sobre o futuro durante horas. – A monarquia não está a funcionar e a democracia é a única maneira...

Rehv interrompeu-o:

– Em geral, a democracia implica que todas as pessoas podem votar. Digo-lhe isso só para o caso de não estar familiarizado com a definição.

– E assim faríamos. Todos nós que servimos no Conselho seríamos eleitores. Toda a gente seria levada em consideração.

– Para sua informação, o termo *toda a gente* abrange mais algumas pessoas além de «todos os que são como nós».

Montrag dirigiu-lhe um olhar carregado de «Oh, por favor, fale a sério».

– Honestamente, você seria capaz de confiar a raça às classes baixas?

– Não depende de mim.

– Poderia depender. – Montrag levou a chávena aos lábios e olhou-o por cima da borda com olhos penetrantes. – Poderia perfeitamente. É o nosso *leahdyre*.

Olhando fixamente o homem, Rehv viu o caminho tão claramente como se estivesse pavimentado e iluminado por luzes de halogéneo: se Wrath fosse assassinado, a sua linhagem real terminaria porque ainda não tinha gerado um filho. As sociedades, particularmente aquelas que estavam em guerra como a dos vampiros, aborreciam-se com os vazios na liderança, por isso uma mudança radical da monarquia para a «democracia» não resultava tão inconcebível como teria sido noutra época mais racional e segura.

A *glymera* poderia estar fora de Caldwell e escondida nos refúgios dispersos por toda a Nova Inglaterra, mas esse grupo de filhos da puta decadentes tinha dinheiro e influências e sempre havia desejado tomar o poder. Com este plano em particular, podia disfarçar as suas ambições com as vestimentas da democracia e parecer que estava a proteger as pessoas sem estatuto.

A natureza obscura de Rehv agitou-se como um preso impaciente pela liberdade condicional. As más ações e os jogos de poder eram uma compulsão inerente àqueles que tinham o sangue de seu pai, e parte dele desejava criar o caos... e entrar nele.

Interrompeu as tolices presunçosas de Montrag.

– Economize a propaganda. O que está a sugerir, exatamente?

O macho pousou a chávena de chá num movimento elaborado, como se quisesse aparentar que estava a ponderar as palavras. Não interessava. Rehv estava disposto a apostar que o homem sabia exatamente o que ia dizer. Uma coisa daquela natureza não era algo que simplesmente se pensa no momento e havia outros envolvidos. Tinha de haver.

– Como bem sabe, o Conselho vai reunir-se em Caldwell dentro de alguns dias, especificamente para ter uma audiência com o Rei. Wrath chegará e... Um acontecimento mortal acontecerá.

– Ele viaja com a Irmandade. E não é especialmente o tipo de força muscular que possa ser evitada facilmente.

– A morte pode ter muitas máscaras. E tem muitos e variados cenários onde atuar.

– E o meu papel seria...? – Embora já tivesse compreendido. Os olhos pálidos de Montrag pareciam de gelo, resplandecentes e frios.

– Sei que classe de macho é. Assim, sei precisamente do que é capaz.

Aquilo não era surpresa. Durante os últimos vinte e cinco anos, Rehv tinha sido um senhor das drogas e, embora não tivesse divulgado a sua ocupação por entre a aristocracia, os vampiros iam aos seus clubes regularmente e parte deles estavam nas filas dos seus clientes químicos. Ninguém, além dos Irmãos, conhecia o seu lado *sympath*... E a sua opção era mantê-lo oculto. Nas últimas duas décadas tinha vindo a pagar bem ao seu chantagista para se assegurar de que continuava a ser segredo.

– É por isso que vim ter consigo – disse Montrag. – Você saberá como encarregar-se disso.

– É certo.

– Como *leahdyre* do Conselho, estaria numa posição de enorme poder. Mesmo que não seja eleito presidente, o Conselho não tem futuro. E fique tranquilo no que diz respeito à Irmandade da Adaga Negra. Sei que a sua irmã é a companheira de um deles. Os Irmãos não serão afetados por isso.

– Não acredita que isto os enfurecerá? Wrath não é só o seu Rei. É do mesmo sangue.

– Proteger a nossa raça é a sua primeira obrigação. Eles seguir-nos-ão para onde quer que nós vamos. E deve saber que há muitos que pensam que ultimamente têm estado a fazer um mau trabalho. Julgo que talvez necessitem de uma melhor liderança.

– Da sua parte. Sim. Claro.

Isso seria como um decorador de interiores comandar um destacamento de tanques: um monte de merda alegre e barulhento até um dos soldados pegar no «peso-pluma», atirá-lo para a frigideira e dar-lhe uma ou duas passagens.

Esse era o plano perfeito. Sim.

E, apesar disso... quem dizia que Montrag tinha de ser o eleito? Os acidentes ocorriam tanto aos reis como aos aristocratas.

– Devo dizer-lhe – continuou Montrag – o mesmo que meu pai estava habituado a dizer-me: a coordenação é tudo. Devemos apressar-nos. Podemos confiar em si, meu amigo?

Rehv ficou de pé, erguendo-se sobre o outro macho. Com um puxão rápido às abas do casaco, endireitou o fato *Tom Ford* e esticou a mão para a sua bengala. Não sentia nada no corpo – nem a roupa, nem a mudança de peso do traseiro para a sola dos pés, nem a ponta da bengala contra a palma da mão que queimara. A dormência era um efeito secundário da droga que utilizava para evitar que o seu lado mau viesse à flor da pele quando estava na companhia de outros, a prisão onde encarcerava os seus impulsos sociopatas.

Não obstante, tudo o que necessitava para voltar às suas origens era falhar uma dose. E uma hora depois? A maldade nele estava vivinha, abanando o rabo e pronta para brincar.

– O que me diz? – incitou Montrag.

A questão não era essa.

Às vezes, na vida, por entre a miríade de decisões prosaicas como, por exemplo, o que comer, onde dormir e o que vestir, surge uma verdadeira encruzilhada. Nesses momentos, quando a névoa da relativa irrelevância se levanta e o destino exige uma aplicação do livre-arbítrio, só há esquerda ou direita... Nada de fazer todo-o-terreno em vez de escolher entre dois caminhos, nada de negociar a escolha que é proposta.

Deves responder à chamada e escolher o teu caminho. E não há retorno.

Não obstante, o problema era que navegar por uma paisagem moralista era algo que ele tivera de ensinar a si próprio para se poder integrar nos vampiros. As lições que tinha aprendido prevaleceram, embora só até certo ponto.

E as drogas só funcionavam momentaneamente.

Subitamente, o rosto pálido de Montrag tingiu-se de uma variedade de tons de rosa pastel, o cabelo escuro do macho tornou-se carmesim e o *smoking* ficou cor de *ketchup*. Enquanto uma patina avermelhada coloria tudo, o campo visual de Rehv tornou-se plano parecendo uma tela de cinema onde se via o mundo.

E talvez isto explicasse o motivo pelo qual se tornava fácil aos *symphaths* utilizar as pessoas. Com o seu lado escuro a assumir o controlo, o universo tinha a profundidade de um tabuleiro de xadrez e as pessoas nele eram como peões na sua mão onisciente. Todos eles. Os inimigos... E os amigos.

– Eu me encarregarei disso – anunciou Rehv. – Como disse, sei o que tenho de fazer.

– A sua palavra. – Montrag estendeu a suave palma da mão.
– Dê-me a sua palavra em como isto será levado a cabo em segredo e silenciosamente.

Rehv deixou essa mão pendurada livremente no ar, mas sorriu, revelando uma vez mais as suas presas.

– Confie em mim.